

# Da era do trote ingênuo à do danoso fake news

Pedro Cafardo

*Valor Econômico*, 21/07/2020

## Impiedosos troteiros políticos agem por trás de robôs do mal

---

Entediados com o isolamento da pandemia, velhos amigos cinquentões paulistanos se reúnem virtualmente para comemorar o aniversário de um deles e não querem falar nem de política nem de doença. Querem beber e se divertir. Então, um deles, já meio alto, levanta um tema da infância de quase todos: o trote.

Gente mais jovem talvez nem conheça muito bem o significado exato dessa palavra. Trote não é só o passo elegante do cavalo ou aquela brincadeira com calouros na universidade. É também uma ligação telefônica falsa que se faz, ou se fazia, para zoar com outra pessoa.

Um conhecido chefe de redação dos anos 1970 costumava ligar para editores imitando com perfeição a voz do dono do jornal para dar broncas homéricas por matérias publicadas. Divertia-se quando revelava ao editor que a ligação era um trote. Outras vezes, ligava para um repórter imitando perfeitamente a voz de Paulo Maluf, político poderoso nos anos da ditadura, para recriminar a publicação de matéria sobre determinado assunto político proibido pelo regime militar. Também se divertia com o susto seguido de alívio do repórter.

Voltemos aos cinquentões paulistanos. Como não querem falar de coisa séria, começam a rememorar trotes clássicos e na maioria das vezes ingênuos que aplicavam por telefone. Registre-se que, naquela época, o telefone era um veículo seguro para ligações falsas. Não existia bina e ninguém conseguia identificar o número de quem estava do outro lado da linha. Então, meninos e meninas traquinas costumavam se divertir passando esses [nem sempre] inocentes trotes.

Vamos relaxar um pouco lembrando alguns deles. O menino ligava para um telefone aleatório e dizia: “Por favor, eu gostaria de falar com o senhor Pires”. “Não tem nenhum pires aqui não, garoto”, respondia alguém do outro lado. “Tá bom, mas onde eu ponho a minha xícara?” - dizia o menino e desligava. Ao lado, a garotada rachava de rir. E todos saíam para apertar e fixar campainhas de casas de vizinhos com um palito de dente e fugir correndo.

Uma das meninas, hoje também quase cinquentona, costumava dar um trote procurando a Neusa. “Não há nenhuma Neusa aqui”, respondia a pessoa do outro lado. A menina refazia a ligação quatro vezes seguidas, perguntando pela Neusa. Na quinta vez, o interlocutor já estava furioso e, antes de ouvir a pergunta, começava a xingar a menina que, calmamente, dizia: “Alô, aqui é a Neusa. Tem algum recado pra mim?”

Outro clássico era assim: o menino ligava para um telefone qualquer e quando atendia uma mulher ele dizia: “Namora comigo que você vai esquecer o Alfredão”. No outro lado, a vítima perguntava furiosa: “Que Alfredão, você tá louco?”. “Tá vendo, já esqueceu”, dizia o interlocutor, e desligava.

“O pãozinho quente já saiu?”, perguntava-se ao dono da padaria. “Sim senhor”, respondia gentilmente o português. “Então, a que horas ele volta?”.

O mais clássico dos tempos do trote é o do carro cor de gelo. A pessoa ligava para um número qualquer e perguntava educadamente: “Por favor, o senhor poderia olhar aí na frente de sua casa se não tem um carro gelo estacionado? É que roubaram meu carro e um amigo o viu aí.” A pessoa dava uma olhadinha e dizia: “Aqui não tem carro gelo nenhum”. No outro lado, o brincalhão agradecia: “Ah, obrigado, então ele derreteu”.

A conversa saudosista na roda dos cinquentões começou porque um deles [assim como este colunista], mesmo entediado com o cansativo, mas necessário combate ao retrocesso político no país, arriscou uma breve observação, dizendo que os trotes eram as “fake news” da meninada dos anos 1970. Não era a mesma coisa, naturalmente, mas se tratava de uma comunicação falsa, algo, aliás, nada novo na política brasileira.

Lira Neto, em sua exuberante biografia “Getúlio”, conta que, em 1922, o então candidato à Presidência da República Artur Bernardes foi vítima de um rumoroso episódio durante a campanha eleitoral. Cartas atribuídas a ele foram divulgadas com descatos diretos a um ícone militar, o marechal Hermes da Fonseca, chamado nas missivas de “sargento sem compostura” e “canalha”. Na época, houve um grande escândalo, mas logo se soube que as cartas eram falsas. Elas fizeram um bom estrago na imagem de Artur Bernardes no meio militar. Mesmo assim, ele foi eleito presidente em 1º de maio de 1922, batendo o candidato Nilo Peçanha, que era o suspeito de produzir as cartas falsas. Detalhe curioso: Bernardes foi eleito com apenas 466 mil votos em todo o país, contra 317 mil de Peçanha.

As cartas falsas de Bernardes refletem amorismo explícito se comparadas com as falsidades atuais. Hoje, os impiedosos troteiros políticos se escondem por traz de sites e robôs montados para fazer o mal. Eles profissionalizaram a operação de distribuição de falsidades e pagam bem pelo trabalho. Empresas tecnologicamente equipadas fazem o serviço. Inventam notícias, influenciam decisões, desqualificam adversários políticos, elegem presidentes e interferem no ritmo natural da democracia.

É sempre útil, quando se trata desse tema, lembrar que as “fake news” não são notícias erradas, equivocadas. São informações falsas, propositalmente criadas para provocar algum dano. Nisso, elas se assemelham um pouco aos ingênuos trotes telefônicos do passado, mas distinguem-se claramente do erro cometido por veículos jornalísticos. Sempre houve e sempre haverá informações erradas na imprensa tradicional, mas elas não são, ou não devem ser, publicadas com o objetivo de provocar dano. E os erros devem e são corrigidos por determinação ética e legal tão logo percebidos. Se o veículo não fizer isso, em pouco tempo perderá credibilidade e leitores.

Bons tempos de trotes ingênuos e diversão inconsequente de crianças travessas e jovens desocupados. Hoje, os telefones são usados menos para brincadeiras e mais para golpes, a maior parte deles oriunda de presídios. A grande falsidade caminha mesmo pelas intrincadas linhas da internet.